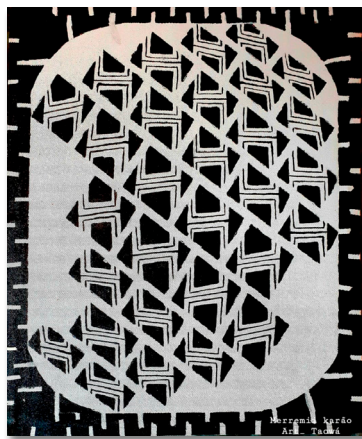


bell hooks, feminismo negro, educação e interseccionalidades

CLAUDIANA NOGUEIRA DE ALENCAR
SANDRA MARIA GADELHA DE CARVALHO
FRANCISCA LUSMAIA ALVES MANGETH

RESUMO: Este trabalho apresenta a contribuição do pensamento de bell hooks a uma análise social crítica da sociedade capitalista, que articule questões de gênero às questões de raça e classe, para responder sobre quais as interligações estabelecidas entre essas dimensões e os caminhos para a superação de múltiplas opressões. A pesquisa, de natureza qualitativo-interpretativa, mapeou palavras sementes interseccionadas no combate ao sexismo, ao racismo e ao capitalismo, constituindo sua práxis transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: bell hooks. Antissexismo. Anticapitalismo. Antirracismo. Interseccionalidade.



bell hooks, black feminism, education and intersectionalities

CLAUDIANA NOGUEIRA DE ALENCAR

Doutora em Linguística com pós-doutorado em Pragmática e Filosofia da Linguagem pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora do curso de Letras do Mestrado Intercampi em Educação e Ensino (MAIE/UECE) e do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLa) da UECE. Email: Claudiana.alencar@uece.br

SANDRA MARIA GADELHA DE CARVALHO

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com pós-doutorado em Educação na EHESS (Paris). Professora da Faculdade de Filosofia Dom Aurelio Matos (FAFIDAM) e do Mestrado do MAIE/UECE. E-mail: sandra.gadelha@uece.br

FRANCISCA LUSMAIA ALVES MANGETH

Mestra pelo Mestrado Intercampi em Educação e Ensino (MAIE/UECE). Professora da Rede Pública Municipal Estadual em Quixeramobim. E-mail: lusmaia_alves@hotmail.com.br

ABSTRACT: This paper presents the contribution of bell hooks' thinking to a critical social analysis of the capitalist society, which articulates gender concerns with race and class issues, in order to answer inquiries about the interconnections established between these dimensions and the paths to overcoming multiple oppressions. This research, of a qualitative-interpretative nature, mapped intersecting seed words in the fight against sexism, racism and capitalism, constituting its transformative práxis.

KEYWORDS: bell hooks. Antissexism. Anticapitalism. Anti-racism. Intersectionality.

DATA DE ENVIO: 27/06/2024

DATA DE APROVAÇÃO: 05/09/2024

1 Introdução

Este trabalho se volta para a contribuição teórica da intelectual estadunidense Glória Jean Watkins (1952-2021), que adotou o pseudônimo de bell hooks (em minúsculo, como era seu desejo). Busca-se evidenciar a sua contribuição para uma análise social crítica da sociedade capitalista, articulada ao pensamento feminista negro e à luta contra o racismo como constitutivos do processo educativo, partindo-se de uma questão fundante: quais as interligações estabelecidas entre estas dimensões e como a autora antevê a construção de caminhos para a superação destas múltiplas opressões?

Como intelectual negra, formada em Inglês pela Universidade de Standford em 1973, bell hooks, que crescera em comunidades racialmente segregadas do Sul dos Estados Unidos, sentiu na pele o racismo e participou como ativista da luta por direitos políticos para pessoas negras. Como uma mulher negra, vinda de uma família de classe trabalhadora que experimentara diversas dimensões das opressões, realizou ao longo de sua produção, contundentes reflexões¹ sobre a realidade vivenciada pelas mulheres negras nos Estados Unidos, que para além da luta contra o sexismo, precisavam sobreviver à exploração de classe, ao racismo e ao elitismo educacional. Suas análises são pioneiras e inéditas no que concerne a se pensar a interseccionalidade de opressões distintas e simultâneas que nos desafiam teórica e politicamente mesmos nos dias atuais.

A crítica social de bell hooks é trabalhada também pela “palavra”, quando a autora denuncia o domínio do discurso por grupos hegemônicos, como, por exemplo, ao mesmo tempo em que se aproxima pela linguagem dos que mais sofrem, ao trazer em seus escritos a linguagem cotidiana, com construções simples, acolhedora das diferenças. Para bell hooks, que também foi professora, a educação e a teoria podem ser um modo de cura, quando o educar e o teorizar se aproximam da vida. Para isso, a autora opta por uma escrita que se utiliza de uma tipologia textual híbrida: ao mesmo tempo em que disserta, bell hooks reflete por meio de

1 Título do Mestrado de bell hooks: *A Study of the fiction of Toni Morrison: black female indentity and literary tradition* (1976). Título da Tese: *Keeping a hold on life: reading Toni Morrison's Fiction* (1983).

narrativas, trazendo suas próprias experiências educativas e acerca dos temas que teoriza. Este modo de reflexão escrita, desarraigada de uma metalinguagem hermética, constitui-se em uma escrita transgressora, não apenas no que diz respeito aos conteúdos, mas também com relação a uma retórica simples que busca o acesso de pessoas oprimidas a temas e discussões complexas.

Neste trabalho, voltamo-nos para compreender a contribuição do pensamento de bell hooks para os estudos sociológicos, com destaques no processo educativo, inspirados no seu próprio modo retórico de apresentação do seu pensamento, que consiste em uma artesanaria de pensar com outras vozes para “erguer a voz”, um trabalho amoroso sobre as palavras em diálogo contínuo com a coletividade.

Para isso, realizamos uma pesquisa de natureza teórica, com abordagem qualitativo-interpretativa, a partir da geração de dados por meio de revisão bibliográfica, que se utiliza do método de análise textual-discursiva da pragmática cultural proposta por Alencar (2015). A pragmática cultural procura analisar as palavras como índices para as formas de vida (Alencar, 2014). Neste estudo sobre o pensamento de bell hooks, os sentidos das palavras que se tornam recorrentes na obra da autora indexalizam a sua trajetória de vida. Desse modo, tais palavras presentes na obra da pensadora funcionam como palavras-sementes (Alencar, 2021b) que nos guiam pelo construto da argumentação de sua escrita, notadamente quanto ao combate ao sexismo, ao racismo e ao capitalismo, bem como as “ferramentas” constituídas para uma práxis educativa e transformadora.

2 Práticas discursivas de mulheridades negras

O movimento feminista se constitui historicamente na luta por tratamento igualitário reivindicado pelas mulheres, em vários âmbitos da sociedade. “Em diversas partes do mundo, o século XIX foi marcado por intensa agitação em torno das demandas de mulheres por justiça e igualdade” (Daflon; Sorj, 2021, p. 21), todavia, ainda na atualidade, discursos do senso comum, não raro de setores conservadores e de ultradireita, proliferam enunciados que procuram construir uma visão do feminismo como uma simples inversão de posição

de poder em que mulheres querem ocupar o lugar dos homens, ou ainda, retomando um discurso de “ascenso” do sexismo.

No âmbito do movimento feminista antineoliberal é possível observar o enfrentamento das injustiças e mazelas em consequência das relações de produção e distribuição injustas e desiguais no capitalismo, à diferenciação da classe é advogada atentando-se para o tratamento destinado às mulheres e crianças, ao longo da História, no seio da classe trabalhadora (Gago, 2020). Neste sentido, mulheres negras feministas também evocam as consequências sofridas em face da cor de sua pele, decorrentes da escravidão, do colonialismo e do racismo estrutural. Para essas mulheres, muitas delas provedoras de suas famílias, o sexismo é apenas uma das mazelas sociais a ser enfrentada. A elas a resistência passa pelo embate cotidiano para garantir a subsistência e pelo enfrentamento do racismo que não apenas exclui socialmente, mas assassina vidas e sonhos. Acrescido ao racismo, o sexismo e a exploração de classe acumulam sobre essas mulheres uma carga pesadíssima de opressões.

Foram essas mulheres negras que moldaram e moldam um tipo de movimento feminista que pretende mudar as estruturas da sociedade capitalista, que juntamente com o ódio de classe, com a misógina e com o sexismo, promovem sistematicamente a exclusão e a morte de pessoas negras. Para enfrentar as opressões dos sistemas que se acumulam em muitas dimensões, essas mulheres se constituem em várias mulheridades racializadas em suas identificações de gênero, sexualidade, raça, classe e localização geográfica, como mulheres que não se reconhecem como essência e abstração, mas se situam histórico-socialmente, constituindo um feminismo que se enegrece para libertar a sociedade das injustiças sociais.

Nesse contexto do diálogo com outras vozes de mulheres negras, bell hooks, uma jovem negra do Sul dos Estados Unidos, na segunda metade do século 20, reivindica o direito de erguer a voz, ocupar o discurso. Durante a graduação em Inglês, aos 19 anos, hooks escreveu *Ain't a Woman: Black Women and Feminism* [E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e Feminismo], com o intuito “de ir além do diálogo sobre a natureza da experiência das mulheres negras que começou no século XIX na América” (Hooks, 1981, p. 12).

O diálogo de hooks inicia no próprio título da obra que toma a indagação da ativista dos direitos civis afro-americanos, sufragista e abolicionista Sojourner Truth “E eu não sou uma mulher?” para trazer à tona as narrativas das mulheres negras durante a escravização norte-americana e denunciar a dupla negação a que são submetidas, ou seja, o sexismo do homem negro que nega a violência de gênero contra as mulheres negras, o racismo das mulheres brancas do movimento feminista que ignoram a realidade das mulheres negras e sua contribuição para o feminismo.

Lutar com essa dupla negação será uma das bandeiras de bell hooks e suas obras contribuíram para as práticas discursivas das mulheres afro-americanas na década de 1960 a 1980. Nesse período, o direito à escrita, à edição de obras e a publicação foi uma pauta dessas mulheres que enfrentam o racismo e o sexismo, sendo assim, sua escrita retoma as experiências, as narrativas das mulheres negras que desde o século XIX já usavam seus escritos contra a escravização, a violência patriarcal e a violência racial.

Em vários de seus livros bell hooks (2017, 2019, 2020) realiza uma análise sociológica da sociedade estadunidense, ao propor caminhos para uma intervenção política e transformação social. Defensora de uma Pedagogia engajada (2017) com referência em Paulo Freire (1967, 1996), hooks articula a educação como ato político para a libertação social e subjetiva, interseccionando a luta de classe, ao combate ao racismo e sexismo.

Desse modo, as contribuições teóricas de bell hooks dialogam com as demais vozes do feminismo negro, trazendo importantes contribuições literárias e filosóficas, pois, elucidam ideias antirracistas e antissexistas de outras intelectuais negras, que comungam com os ideais de engajamento, pensamento crítico, autorrealização e libertação.²

2 O panorama da produção intelectual de bell hooks e a apresentação de suas obras nesta pesquisa tem como marco inicial a investigação apresentada por Francisca Lusmaia Alves Mangeth na dissertação do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), intitulada “Os sentidos de educação como prática da liberdade na obra de Paulo Freire e Bell Hooks: discursos, intertextualidade e contribuições para a práxis docente”. (Quixadá, p. 20-30, 2023).

Os principais livros de bell hooks, segundo Aidar (2021) foram:

- Tudo sobre o amor (2021). São Paulo: Editora Elefante
- Teoria Feminista – Da Margem ao Centro (1984). Lisboa: Orfeu Negro.
- Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática (2020). São Paulo: Editora Elefante.
- Anseio: raça, gênero e políticas culturais (2019). São Paulo: Editora Elefante
- Olhares Negros: raça e representação (1992). São Paulo: Editora Elefante
- Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra (1989). São Paulo: Editora Elefante.
- E eu não sou uma mulher? – As mulheres negras e o feminismo (1981). Lisboa: Orfeu Negro
- O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras (2018). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade (2017). São Paulo: Martins Fontes.

O livro intitulado “Tudo sobre amor: novas perspectivas” (hooks, 2021) faz parte da “Trilogia do Amor” e foi elaborado pela autora com ênfase no conceito de amor inserido em suas diferentes relações que envolvem questões sobre namoro, amizade, família e espiritualidade. O intuito de bell hooks é mostrar o amor como um ato político. A pensadora traz a importância da autoestima, do cuidado com a coletividade, com as especificidades da realidade das mulheres negras como um modo de contraposição às formas de subjetivação do capitalismo. As outras duas obras que compõem a trilogia ainda não foram publicadas no Brasil: “Salvation: Black People and Love” (EUA, 2001) e “Communion: the female search for love” (EUA, 2002).

A obra “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática” (hooks, 2020) é um livro que começa com uma citação do educador brasileiro Paulo Freire e se intensifica no debate de trinta e dois ensinamentos com debates e críticas que tratam do pensamento crítico e da sabedoria prática. Este livro completa o conjunto da chamada “Trilogia do Ensino”, da qual fazem parte as obras “Ensinando

a transgredir: a educação como prática da liberdade” (1994) e “Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança” (2021) e que foi escrita entre 1990 a 2000, publicada recentemente no Brasil.

A obra “Olhares Negros: raça e representação” (hooks, 2019) faz parte de uma coletânea criativa de ensaios críticos e a autora esclarece sobre as formas alternativas de debates e narrativas no sentido de compreender a negritude.

No livro que leva o título “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras” (hooks, 2018), a escritora feminista revela uma visão diferenciada que explora os pormenores da construção do conceito de feminismo negro e consegue ampliar o alcance da compreensão do público leitor.

Nas próximas três seções, continuaremos a focalizar a obra de bell hooks, mas dessa vez a partir da análise das palavras sementes. A análise textual-discursiva nos levou a recorrência da palavra “experiência”, com a qual traçaremos a trajetória de vida e escolarização da autora.

3 Experiência formando a cosmovisão de uma intelectual negra

A palavra-semente é proposta por Alencar (2021b) a partir da noção de círculos de cultura freireanos, não apenas como uma palavra que traz a visão de mundo de quem a produz; palavra-índice do político, do cultural, do histórico, acessado por meio das palavras, dos usos, da práxis política. A palavra semente é também propositiva de uma nova realidade. É nesse viés que a palavra “libertação” ocorre na obra de bell hooks. Em seu texto “Intelectuais Negras”, bell hooks propõe explicações dos fatores que poderiam levar as pessoas negras a se tornarem intelectuais, a partir da sua própria experiência, então ela diz:

No meu caso, voltei-me para o trabalho intelectual na busca desesperada por uma posição oposicional que me ajudasse a sobreviver a uma infância dolorosa. Criada em uma comunidade segregada sulista pobre e operária onde a educação era valorizada, sobretudo como um meio de mobilidade de classe, a vida intelectual sempre esteve ligada a carreira do ensino (hooks, 1995, p. 465).

É a categoria “experiência”, palavra que se refere ao aprendizado das mulheres negras, que bell hooks utiliza para trazer a sua trajetória como uma práxis transformadora constitutiva ela própria do seu pensamento crítico. O pensar dessa intelectual insurgente é constituído a partir da sua experiência e das experiências de tantas outras pensadoras do feminismo que lhe antecederam e que foram suas contemporâneas, tais como Angela Davis, Alice Walker, Audre Lorde, Barbara Christian, Barbara Smith, Paula Gidding, dentre outras.

Portanto, a palavra “experiência” é aqui a chave para adentrarmos a novas epistemologias, por ser índice do enfrentamento não apenas a uma dor pessoal de uma infância castigada pelo racismo, pela pobreza e pela tirania patriarcal da sociedade de então, mas, do enfrentamento ao racismo como um dispositivo estrutural do sistema capitalista, um dispositivo que se desdobra nos moldes elitistas de constituição dos saberes acadêmicos.

Diante do racismo estrutural, bell hooks é interpelada por múltiplas interseccionalidades e elabora uma teorização que nos conduz retoricamente para o campo de suas experiências concretas por meio de narrativas. Essas narrativas são intercaladas por reflexões profundas sobre a distribuição racial do trabalho e suas divisões intelectuais que privilegiam determinados grupos e subalternizam outros na sociedade capitalista racista. E a educação tem um papel especial para o projeto emancipatório, pois possibilita reflexões sobre o mundo que temos materialmente estruturado a partir de relações econômicas, baseadas na exploração do ser por outro ser; a natureza dessa exploração é de caráter estrutural e, portanto, enraizada socialmente, para que não se restrinja a uma perspectiva individual do ato de exploração ou de relações conduzidas pela ganância e pelo motor desenfreado da busca capitalista pelo lucro. Se as pessoas oprimidas ocuparem o lugar da educação que é tida como privilégio das classes burguesas, isso não sinalizará apenas uma mudança em termos da superfície social, mas indicará uma mobilização de ideias e formas de vida que se voltará para a transformação da própria ordem das estruturas sociais.

Para enfrentar os modos explicativos racistas que excluía a realidade das mulheres negras, hooks apresenta modos de conhecer radicados na experiência. Nas palavras de hooks:

Sei que a experiência pode ser um meio de conhecimento e pode informar o modo como sabemos o que sabemos. Embora me oponha a qualquer prática essencialista que construa a identidade de maneira monolítica exclusiva, não quero abrir mão do poder da experiência como ponto de vista a partir do qual pode-se fazer uma análise ou formular uma teoria (hooks, 2017, p. 123).

Nesse sentido, a palavra semente “experiência” que indexicaliza a trajetória de vida de bell hooks e que lhe permite constituir uma epistemologia antirracista e antissexista. Voltemo-nos agora para essa trajetória.

Ressalta-se que bell hooks nasceu em Hopkinsville, Estado de Kentucky, numa cidade rural localizada no Sul dos Estados Unidos, em 25 de setembro de 1952, sendo o seu pai zelador e a sua mãe, dona de casa, bell hooks cursou Letras (Literatura Inglesa) na Universidade de Stanford, concluiu o mestrado em Letras na Universidade de Wisconsin e o Doutorado em Literatura na Universidade da Califórnia (Haddad, 2017). Foi escritora, professora, poeta, teórica feminista, crítica cultural, ativista social. Uma trajetória construída com muitas tensões pelos conflitos vivenciados socialmente (Aidar, 2021). Sua trajetória escolar se inicia em uma escola para crianças negras, com professoras negras, segundo ela mesma relata.

Nesse aspecto, bell hooks (1994), em seu livro “Ensinando a transgredir”: *a educação como prática da liberdade* mostra a narrativa de sua história desde o começo dos estudos em uma escola segregada e exclusiva para negros na qual frequentava na infância, juntamente com seus sete irmãos. Mangeth (2023, p. 47) afirma que logo após “cursar Letras, na Universidade de Stanford, a autora percebeu que havia crescido em uma comunidade segregada”, o que despertou o anseio pela mudança e inspirou grande parte de suas reflexões para escrever livros e narrar sobre as experiências de vida.

Para Mangeth (2023), bell hooks percorreu uma intensa jornada de autorreconhecimento e conhecimento de sua comunidade, por meio da qual o seu senso crítico a respeito do enfrentamento ao capitalismo, ao sexismo e ao racismo foram se aperfeiçoando em seus atravessamentos, desde a sua escolarização inicial, passando pela academia até tornar-se doutora em Literatura, professora e escritora. Nessa jornada, publicou mais de trinta livros nos quais mostra uma visão crítica, sendo predominante a questão da resistência e da luta em movimentos negro, feminista e anticapitalista.

A narrativa de hooks sobre a sua trajetória de escolarização (2017) mostra como ansiava pela continuidade de sua formação e chega até a universidade, onde reelabora seu entendimento sobre os papéis da docência na academia:

Antes de entrar na faculdade, eu conhecia o trabalho dos intelectuais e acadêmicos principalmente a partir da ficção e da não ficção do século XIX, e por isso tinha certeza de que a tarefa dos que escolhem essa vocação é a de buscar holisticamente a autoatualização. Foi a experiência concreta da faculdade que perturbou essa imagem. Foi ali que eu passei a me sentir terrivelmente ingênua a respeito da “profissão”. Aprendi que, longe de ser autoatualizada, a universidade era vista antes como um porto seguro para pessoas competentes em matéria de conhecimento livresco, mas inaptas para a interação social. Por sorte, durante o curso de graduação comecei a distinguir entre a prática de ser um intelectual/professor e o papel de membro da academia (hooks, 2017, p. 21).

Como podemos ver na citação anterior, bell hooks reconhece a importância da experiência, opondo-a a um mero conhecimento desvinculado da vida, sem ligação com a realidade. A pensadora afirma que as mulheres negras têm uma “experiência de vida que desafia diretamente a estrutura social sexista, classista e racista vigente” (hooks, 2015, p. 2008).

É importante compreender que essa visão crítica alcançada pela experiência como mulher negra que enfrenta diversas opressões, tais como o sexismo e o racismo, também a faz perceber o quanto o sistema escolar é silenciador, impondo aos alunos a ausência da criticidade:

Os alunos que não entram na academia dispostos a aceitar sem questionamento pressupostos e valores acalentados pelas classes privilegiadas, tendem a ser silenciados, a serem considerados baderneiros. As discussões conservadoras sobre a censura no ambiente universitário contemporâneo frequentemente dão a entender a ausência de diálogo construtivo, a imposição do silêncio, ocorrem como subproduto dos esforços progressistas para questionar o conhecimento canônico, criticar as relações de dominação ou subverter os preconceitos de classe burgueses (hooks, 2017, p. 238).

Contra esses apagamentos e contra as imposições do sistema escolar excludente, hooks (2017) se inspira na educação freireana para promover uma leitura do mundo por meio de sua práxis pedagógica que promove o encontro e valorização do “estar em comunidade”. A palavra semente “experiência” é também indicativa de sua proposta crítica para uma pedagogia transformadora:

Foi como professora no contexto da sala de aula que testemunhei o poder de uma pedagogia transformadora fundada no respeito ao multiculturalismo. Trabalhando com uma pedagogia crítica baseada em minha compreensão dos ensinamentos de Freire, entro na sala partindo do princípio de que temos de construir uma comunidade para criar um clima de abertura e rigor intelectual (hooks, 2017, p. 57).

Nesse sentido, a escritora relata sua experiência em sala de aula, seus sentimentos de angústia e preocupações, além das inúmeras vivências compartilhadas e o fato de como tais intenções positivas e expectativas contribuem para a construção de uma educação que emancipa e que serve como prática de liberdade. É a sua experiência como mulher negra que conduzirá bell hooks à busca por práticas educativas que enfrentem as dores provocadas pelo acúmulo de opressões que o sistema capitalista patriarcal e racista lhe impunha.

Chegamos ao termo “prática”, bastante utilizado por bell hooks em vários de seus escritos. A palavra semente “prática” remete diretamente ao conceito de práxis, uma categoria importante que no léxico do materialismo dialético, em particular, caracteriza o humano (Sousa Junior, 2021).

4 A palavra semente “prática” na construção de uma práxis pedagógica radical

A palavra “prática” em bell hooks é também uma palavra semente que nos conduz aos caminhos teóricos na proposição de uma pedagogia radical. Ela afirma que “quando criamos um mundo em que há união entre teoria e prática, conseguimos nos engajar livremente com as ideias” (hooks, 2017, p.277).

Como intelectual negra, em seus escritos, hooks alia, ela própria, teoria e prática e traça a proposição de uma pedagogia anticolonial e engajada, a partir de dois momentos: a) sua vivência em sala de aula com professoras negras que resistiam à segregação racial nutrindo suas alunas de amor pelos estudos como um ato político, um ato contra-hegemônico; b) seu encontro com a pedagogia crítica de Paulo Freire, que em meio ao racismo sofrido no mundo acadêmico, quando hooks vivencia o período americano de educação não-segregada, torna-se um abrigo diante dos preconceitos, racismos e sexismos explícitos e velados praticados por professores e alunos brancos das universidades americanas.

Sobre a prática vivenciada com suas professoras negras do ensino fundamental, ela diz: “Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista” (hooks, 2017, p. 20).

Mangeth (2023) tece considerações pertinentes e explica que bell hooks (2017) encontrou inspiração para o livro “Ensinando pensamento crítico” das lições que experienciou dos professores com quem estudou nas escolas segregadas do Kentucky, nos anos 1950.

Sendo assim, para aquelas professoras negras a boa educação não significava transmitir conhecimentos e preparar para uma profissão, mas sim “o compromisso contínuo com a justiça social, evolução do diálogo, especialmente com a luta por igualdade racial” (Mangeth, 2023, p. 48).

Essa luta pela justiça social é como um aporte que motiva a luta da pensadora para a transformação não apenas do sistema escolar, mas também do sistema econômico e isso a impulsionou na necessidade de estudar e de ensinar para mudar a realidade das pessoas exploradas, no sentido de promover uma discussão

crítica em sala de aula que pudesse acender a chama da reflexão anticapitalista, anticolonial com respeito às diferenças étnico-raciais. Assim, hooks nos mostra que ainda que não havia uma consciência teórica, esse caminho da práxis situada e política das professoras significava uma “prática pedagógica de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial” (hooks, 2017, p.11).

O doutor em História e Filosofia, Sérgio Haddad (2017), escreveu o prefácio da edição traduzida para a Língua Portuguesa do livro *Ensinando pensamento crítico*, hooks (2017) e em sua apresentação, diz que bell hooks será defensora de ideais que acreditavam na escola enquanto detentora da formação de mentes participantes, abertas ao engajamento de estudos críticos mais rigorosos, para aprenderem a pensar criticamente, e de modo nenhum deve ser um espaço que favoreça a dominação ou a doutrinação.

No que diz respeito ao período de integração racial americano, quando bell hooks faz a sua graduação e pós-graduação e percebe o racismo institucionalizado na academia, mesmo após a segregação racial, vamos ter o seu encontro com a obra de Paulo Freire. É na práxis freireana a inspiração para a reflexão de bell hooks sobre a palavra semente “prática”.

A categoria práxis em Freire (2005), que no livro *Pedagogia do Oprimido*, segundo Carvalho e Pio (2017) adquire adjetivações várias, indica as vertentes do pensamento de hooks, para o seu engajamento político transformador. Carvalho e Pio (2017, p 443) sintetizam as adjetivações para a categoria práxis por Paulo Freire: a práxis autêntica, que promove, cria, forma e auto (trans)forma o humano; a práxis revolucionária, que implica no desvelamento do mundo da opressão pelo diálogo com os oprimidos para o “ser mais”; a práxis verdadeira como a que mostra o caráter inventivo, criativo e autoprodutivo das práticas humanas e, por fim, a práxis libertadora, a que busca superar o dualismo entre ação e reflexão e refere-se a uma atividade prática, não desvinculada da teoria, que se realiza como uma ação transformadora da realidade. Esse é o sentido de práxis para bell hooks, uma prática revolucionária para a libertação. Libertação será, portanto, a palavra semente que trataremos na próxima seção.

5 Libertação: um projeto político do feminismo negro

A palavra “libertação” está presente em várias obras da bell hooks, tanto no corpo dos textos como em títulos e subtítulos dos livros e artigos escritos por ela, o que demonstra tratar-se de uma categoria chave para entender o seu pensamento.

Em *Ain't a Woman: Black Women and Feminism* [E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e Feminismo], hooks aponta para um projeto político de libertação feminista, antirracista e anticapitalista que denuncia o modo como o movimento feminista da segunda onda, composto em sua maioria por mulheres brancas e burguesas, dominava o vocabulário dos discursos feministas com termos como “mulheres”, que unificaria as oprimidas contra o sexismo e contra as diversas tiranias patriarcais.

A despeito da hegemonia do discurso feminista, à época, para indicar o gênero como a categoria chave e explicar a opressão das mulheres, hooks mostrava que não se podia separar essa categoria das questões raciais e classistas, uma vez que, as mulheres negras lutavam por sua subsistência e sofriam o acúmulo das diversas formas de exploração e opressões sociais (como mulheres, como classe trabalhadora e como negras) não se viam representadas por esses termos e pautas de lutas genéricas.

Para a pensadora, hooks (1981), o racismo se manifestava no modo como as mulheres negras eram apagadas, ignoradas e silenciadas de grupos e de teorias feministas. Os escritos da jovem bell hooks, sem usar o termo interseccionalidade, já traziam a intersecção de gênero, raça e a classe para uma compreensão dos sistemas de opressão articulados para esmagar a esperança e justiça social pelo capitalismo como um sistema ao mesmo tempo patriarcal e racista. Ela diz:

Apesar de criticar aspectos do movimento feminista como o conhecemos até agora – crítica que às vezes é dura e implacável – eu o faço não em uma tentativa de diminuir a luta feminista, mas de enriquecer, de compartilhar o trabalho de construção de uma ideologia libertadora e de um movimento libertador (hooks, 2017, p. 208).

Esse projeto político de libertação proposto por bell hooks tem um papel importante na construção do pensamento feminista negro atual. Esse projeto de libertação traz a visão e a experiência daquelas que sofreram e sofrem uma exploração escalar, do lugar mais atingido pelo sistema capitalista patriarcal e racista, o lugar do sofrimento das mulheres negras. Nesse sentido, a “mulheridade negra” é destacada na obra de bell hooks não como uma essência ou como uma identidade reivindicatória, mas como uma posição política que por sofrer as diversas formas de opressão pode ter a visão da interseccionalidade, vista em outras palavras por bell hooks, como um projeto emancipatório não apenas para todas as mulheres, mas para toda a sociedade.

É por isso que bell hooks adota esse pseudônimo, não se trata apenas de homenagear a sua ancestralidade não-branca (o nome foi inspirado em sua bisavó, uma mulher indígena Bell Blair Hooks), mas de situar todas nós nesse lugar político libertador. A escrita das letras iniciais em minúsculo, subvertendo o nome próprio como se fosse um substantivo comum, “bell hooks”, quer demonstrar quer seus escritos, ao trazerem a narrativa de sua vida, não pretendem falar dela, como uma autora, de uma intelectual específica mas, de todas as mulheres negras e as pessoas que sofrem opressão da sociedade classista, racista e sexista. Trata-se, pois de um projeto feminista negro de libertação.

Esse projeto político que constitui o feminismo negro proposto por bell hooks teve uma significativa contribuição de grandes autores(as) tais como: Amanda Berru Smith, Ana Julia Cooper, Mary Church Terrel, Sojourner Truth, Toni Morrison, Wendell Berry, dentre eles o patrono da educação brasileira, Paulo Freire. No entanto, motivada pelo pensamento transgressivo de uma teoria aliada à prática para a libertação, ressalta-se que o projeto político defendido por bell hooks recebe uma contribuição da “Educação como prática de liberdade” de Paulo Freire (1967). Todavia, a autora acrescenta e aprofunda questões sociais voltadas ao sexismo, ao racismo e ao capitalismo, advogando como Paulo Freire, a possibilidade de processos educativos que sejam esteio de autoconhecimento, inserção social e atuação política. Tais processos fazem com que hooks (2017) proponha uma pedagogia engajada como forma de atingir um projeto político para a libertação.

Inspirada nos ensinamentos de Paulo Freire para elaborar uma proposta que articulasse uma análise societal com uma prática educativa transformadora, hooks desenha uma pedagogia engajada, cujos elos densificam o seu pensamento crítico (hooks, 2013).

Afinal, se a obra freireana seria o seu abrigo para não sucumbir diante do racismo institucional enfrentado nas universidades americanas recheadas de privilégios para uma branquidade de elite, foi na sua experiência enquanto mulher negra, como tantas outras irmãs negras que cresceram nos estados americanos segregados, advindas da classe trabalhadora, e que sofriam o racismo nos bancos escolares, que bell hooks também tece a sua crítica à pedagogia crítica por suas lacunas no enfrentamento às questões de raça e de gênero, que não poderiam, na visão de hooks, estarem separadas das questões de classe.

Ao refletir sobre o pensamento de Paulo Freire, a dialogicidade, a criticidade e a politicidade, que serviram de inspiração para bell hooks em sua vivência universitária e posterior prática de docência, é possível considerar que a categoria opressão/libertação foi fulcral em suas análises e práxis política pedagógica.

Por seu projeto de libertação, podemos perceber que bell hooks (2020) valorizava o pensamento crítico, que também se realiza em práticas educativas mais democráticas, que fossem capazes de lutar contra os dispositivos desumanizantes e os processos de silenciamento e alienação racial. Além disso, as distorções e os conflitos provocados pelo sistema capitalista e suas dimensões de opressão são relatados pela autora como provocando impactos psicossociais que causam o adoecimento.

Nesse sentido, a teoria voltada para a libertação seria uma práxis, uma vez que, para hooks, ela também se apresenta como um caminho de cura. Enveredar pelo movimento de teorizar pela experiência, vivência e práxis de libertação seria um aprendizado do transgredir. Em seus principais escritos, a autora nos mostra que é primordial ensinar a transgredir, no romper com as barreiras discriminatórias e opressoras, agir contra a dominação. Isso inclui atravessar as fronteiras raciais, sexuais e de classes sociais, com a finalidade de se mover em direção à libertação do capitalismo.

6 Patriarcado capitalista da supremacia branca transnacional

Como a mulher negra é situada em seu discurso? Indaga Lélia González (1984) ao tratar do que ela chama de um duplo fenômeno: o racismo e sexismo. A pensadora brasileira ainda na década de 1980 já percebia o quanto as articulações do racismo com o sexismo “produz efeitos violentos em particular” (González, 1984, p. 284).

Era preciso criar conceitos novos que dessem conta da especificidade das mulheres negras e, nesse sentido, bell hooks em toda a sua obra tratará as dimensões de raça, classe e gênero como sendo interligadas. As palavras sementes “*patriarcado*”, “*capitalismo*”, “*imperialismo*”, “*supremacia branca*” são usadas por hooks que cunha a expressão “Patriarcado capitalista imperialista da supremacia branca” para designar essa articulação das dinâmicas de gênero, raça e classe, antecipando o conceito de interseccionalidades trazido pela jurista Kimberlé Crenshaw em 1989.

Crenshaw usa a lexia “interseccionalidade” para uma descrição das muitas formas com que raça e gênero interagem para formar uma dimensão múltipla das experiências das mulheres negras (Crenshaw, 2002). Nessa direção, Almeida (2021) afirma que Crenshaw cunha o conceito de interseccionalidade para compreender a realidade das mulheres negras no mundo do trabalho, percebendo os “vários modos como a intersecção de raça e gênero moldam de maneira estrutural os aspectos da violência contra as mulheres negras”.

Vejamos que a expressão “interseccionalidade” só viria a ser cunhada em 1989, e bell hooks em seu primeiro livro de 1981 (escrito entre 1972 e 1973), já nos mostra que há uma interligação entre as categorias de classe, raça e gênero que funcionam de modo indissolúvel como estruturas de dominação.

Como analisamos nas seções anteriores por meio das palavras sementes, o pensamento de bell hooks, em toda a sua vasta obra, é atravessado pela posição política e metodológica de não separar as três categorias, de mostrar como elas agem simultaneamente de modo estruturado pelo patriarcado capitalista supremacista branco. Desse modo, bell hooks preocupa-se desde os seus primeiros escritos em demonstrar como sexismo, racismo e classismo são

estruturados no sistema capitalista de modo a provocar dominações e opressões simultâneas. Como nos dizem Rudan e Battistini (2023), a respeito do legado de bell hooks:

Nenhuma história de escravidão e racismo é possível sem levar em conta o sexismo e o classismo. Nenhuma teoria feminista é praticável sem abordar o problema da raça e da exploração. A absolutização de um ou de outro, ou a sua hierarquização, gera a cortina de fumo das políticas (e políticas) identitárias que, através da integração e institucionalização de grupos sociais que são “idênticos” por sexo e raça, mas não por classe, consolidam estruturas de dominação (Rudan; Battistini, 2023, p. 4).

Desse modo, a contribuição do pensamento de bell hooks foi produzir uma crítica anticapitalista, antirracista e antissexista da sociedade, elaborando, em toda a sua vasta produção intelectual, densas análises políticas e culturais que relacionaram os movimentos feministas e negros e as práticas educativas, a partir do pensamento feminista negro radical e de uma pedagogia engajada que possibilite não apenas a modificação dos sistemas escolar e acadêmico, mas que, sobretudo, esteja comprometido com a revolução.

Sua análise dialoga com o patriarcado compreendido como uma forma de subalternizar e explorar a mulher desde a constituição da propriedade privada em domínio dos homens. “O patriarcado não é somente funcional ao capitalismo, mas também contribui para a sua reprodução ao constituir uma forma de conceber a sociedade e, nesta, o ‘comportamento feminino’” (Carvalho; Silva; Pinheiro, 2020, p. 1816-1817). Onde, o seu enfrentamento e superação requer a compreensão das relações humanas em suas conjunturas, para o quê a autora não mediu esforços em sua obra.

Nessa direção, bell hooks nos instiga a uma análise social, que *outsider* ao cânone estabelecido nas Ciências Sociais, ainda tão vigorosamente pautado em um olhar e obras de autores masculinos, que intersecciona camadas de opressão, as quais precisam ser abordadas, refletidas para um engajamento político de uma práxis revolucionária não só necessária, mas desafiadora nos dias atuais.

7 Considerações Finais

As reflexões se constituem na escrita de bell hooks como uma vigorosa contribuição teórica e de práxis política crítica, evidenciadas em suas análises pertinentes aos desafios, ainda contemporâneos, para uma intervenção transformadora da sociedade e da educação.

A intelectual negra advoga o pensamento crítico e uma educação libertadora, produzindo uma interpretação própria da realidade por meio de análises culturais e políticas comprometidas com sua crítica anticapitalista e anticolonial da sociedade. Essa interpretação é constituída a partir da sua experiência como mulher negra, dialogada com a experiência de outras mulheres afro-americanas.

Podemos dizer que teorizando a partir de sua experiência como mulher negra e ativista, hooks escreveu sobre educação como prática da liberdade, raça, paixão, gênero, relações sociais, opressão, política, crítica cultural, feminismo, arte, história, poesia, memórias e relações midiáticas. Ao defender a transformação social, com superação das atuais relações de dominação em uma sociedade capitalista, articulando a luta de classes, com a luta contra o racismo e contra o sexismo bell hooks, apoiada em Freire, antevê a necessidade de todo um processo formativo crítico.

Nesse sentido, algumas palavras sementes tais como “mulheridades negras, experiência, libertação, prática/práxis, patriarcado capitalista da supremacia branca”, geradas por uma análise pragmática cultural, mostram a sua contribuição para uma análise social crítica da sociedade capitalista, ao demonstrar como sexismo, racismo e classismo são estruturados no sistema capitalista de modo a provocar dominações e opressões simultâneas.

O pensamento de bell hooks representa uma crítica radical ao capitalismo, ao imperialismo transnacional, ao patriarcado e à supremacia branca. Contra as estruturas opressoras, essa importante intelectual negra, que infelizmente faleceu em 15 de dezembro de 2021, propõe práticas educativas anticoloniais e antipatriarcais propondo uma pedagogia crítica e engajada para isso.

O anúncio da construção de caminhos para a superação das múltiplas opressões, efeitos do patriarcado capitalista de supremacia branca, também se mostra nas obras em que bell hooks

propõe práticas políticas que se contraponham à lógica capitalista, inclusive no que diz respeito aos modos de subjetivação capitalista, baseados na competitividade e no individualismo.

As práticas políticas apontadas por bell hooks buscam fortalecer os movimentos sociais (movimentos feministas, movimentos negros, movimentos de professores), trazendo o amor como ato político, voltado não para a reforma, mas para a revolução.

As práticas de amorosidade, de autoestima, de cuidado com a coletividade, por meio de teorias e de uma práxis que valorizam as singularidades das mulheres negras, são apontadas por bell hooks, como um trabalho político, um modo de curar as feridas provocadas pela escravização e pelo capitalismo, pelo patriarcado e pelo racismo.

Esse movimento contra hegemônico ao sistema capitalista, sistema econômico que se estrutura também como sistema cultural em cujas bases estão o sexismo e o racismo, permitem perceber o caráter transgressor dos escritos da pensadora: ao estudar como o capitalismo em suas origens se funda na escravização e na colonização, e se reproduz social e culturalmente por meio do sexismo e do racismo. Porém, bell hooks não deixa de conferir a centralidade aos conflitos de classe em um projeto político libertador.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Laura. **Biografia de bell hooks** – intelectual e ativista norte-americana. 2021. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/bell_hooks/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. A escritura a escrevivência a invenção a poema: performances e decolonialidades nas gramáticas culturais das coletivas de poetas periféricas. **Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas**, n(60.3): 612-625, set./dez. 2021a. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tla/a/jsdjfmLV3gwqwJYyj554S4p/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 10 dez. 2024.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. O amor de todo mundo, palavras-teses para mudar o mundo: gramáticas de resistência e práticas terapêuticas de uso social da linguagem por coletivos culturais da periferia em tempos de crise sanitária. **Revista Delta**, 17 out. 2021b. Disponível

em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/cLhvKFyQGVdDsN4WxkgpHDm/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 10 dez. 2024

ALENCAR, Claudiana N. Pragmática cultural: uma proposta de pesquisa-intervenção nos estudos críticos da linguagem. In: RODRIGUES, Marília Giselda et al. (orgs.). **Discurso: sentidos e ação**. Coleção Mestrado em Linguística, 10. São Paulo: Universidade de Franca, 2015, p. 141-162. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/331977274_Pragmatica_cultural_uma_proposta_de_pesquisa-intervencao_nos_estudos_criticos_da_linguagem>. Acesso em: 10 dez. 2024.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de (Org.). **Nova Pragmática**: modo de fazer. São Paulo: Cortez, 2014.

ALMEIDA, Marilea. bell Hooks: **Mulheres na Filosofia**. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas:, v. 7, n. 2, p. 21-23, 2021. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/blog/category/mulheres-na-filosofia/page/4/>> Acesso em: 09 dez. 2024.

CARVALHO, Sandra M. G. de; PIO, Paulo M. A categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, v. 98, p. 428-445, 2017.

CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; SILVA, Mila Nayane da. PINHEIRO, Lia Barbosa. Enfrentamentos e aprendizados: a insurgência feminina no Acampamento Zé Maria do Tomé, Chapada do Apodi (CE). **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 20, n. 67, p. 1808-1836, out./dez. 2020.

CRENSHAW, Kimberlè. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, v. 7, n. 12, p. 171-188, jan./2002.

DAFLON, Verônica Toste; SORJ, Bila. **Clássicas do pensamento social**: mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 38ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

GAGO, Verônica. **A potência ou o desejo feminista de transformar tudo**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell. **Ain't a woman**: black women and feminism. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1981.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. **Feminist theory**: from margin to center. São Paulo: Perspectiva. 1984.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Editora Elefante. 1992.

HOOKS, Bell. **Talking Back**: thinking feminist, thinking black. São Paulo: Editora Elefante, 1989.

HOOKS, Bell. **Yearning**: race, gender, and cultural politics. São Paulo: Editora Elefante. 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, p. 193-210, 2015.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 464-476, 1995.

MANGETH, Francisca Lusmaia Alves. **Os sentidos de educação como prática da liberdade na obra de Paulo Freire e bell hooks**: discursos, intertextualidade e contribuições para a práxis docente. 2023. 107 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação e Ensino). Programa de Pós-Graduação e Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino. Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, 2023.

RUDAN, Paola; BATTISTINI, Matteo. For bell hooks: “White-Supremacist Capitalist Patriarchy” and “Feminism is for Everybody” in US History and Politics. **USAbroad-Journal of American History and Politics**, v. 6, p. I-IV, 2023.